

A relação turismo e literatura: um processo de construção dos espaços turísticos brasileiros

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha*

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de discutir o papel exercido pelo discurso literário na construção dos espaços turísticos brasileiros. Considerando a literatura como um processo de construção ideológica e cultural, procurar-se-á demonstrar como o discurso literário – em especial, a Carta do Descobrimento, de autoria de Pero Vaz de Caminha – seria atuante na constituição e na perpetuação das imagens que têm caracterizado os espaços turísticos brasileiros ao longo do tempo.

Palavras-chave: *Espaços turísticos; literatura; identidade cultural; mercado turístico.*

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo avaliar em que medida o discurso literário estaria vinculado à imagem turística que caracteriza o Brasil tanto nacional como internacionalmente. Nesse sentido, estaremos buscando desvelar como a literatura e, em especial, a Carta do Descobrimento, de autoria de Pero Vaz de Caminha, seriam atuantes na construção da imagem que, ao longo do tempo, vem sendo atribuída ao Brasil no mercado do Turismo.

O mercado turístico, como qualquer outro mercado, visa a atribuir ao produto comercializado uma imagem que seja atrativa e que venha a satisfazer os anseios dos consumidores. No caso do Turismo, a importância da imagem adquire uma dimensão ainda mais significativa, uma vez que os consumidores não têm condições de avaliar fisicamente o produto no momento exato da compra. O fator propulsor para a compra de produtos turísticos por parte dos consumidores seria, então, a imagem que lhes é apresentada e oferecida. Vale ressaltar que a imagem formulada em torno de um determinado produto turístico não se constrói de maneira aleatória ou fortuita. Na verdade, ela se configura como resultado da atuação dos meios de comunicação bem como dos discursos histórico e literário.

Dentro dessa perspectiva, tentaremos circunscrever o papel exercido pela Carta do Des-

cobrimiento, de Pero Vaz de Caminha, buscando delimitá-la como sendo o discurso fundador para a constituição da identidade brasileira e, conseqüentemente, para a própria imagem associada ao Brasil e à sua nação no decurso do tempo. Para que possamos realmente avaliar como o discurso literário pode atuar para a construção da imagem que caracteriza um país, devemos considerar a íntima e inquestionável relação que há entre o discurso literário e o discurso histórico e entre os literatos e os historiadores, já que tanto a literatura como a história estariam em busca de uma imagem verbal da realidade:

Mas o principal objetivo do escritor de um romance deve ser igual ao do escritor de uma história. Ambos desejam sustentar uma imagem verbal de realidade (WHITE apud LEPECKI, 1984)

Considerando que o discurso literário, assim como o discurso histórico, seria indubitavelmente relevante para que possamos compreender como a imagem e a identidade brasileiras têm sido construídas, analisaremos a Carta do Descobrimento, que constitui a primeira manifestação documental e literária do Brasil, com o intuito de discutir como a primeira imagem que foi associada ao Brasil a partir da chegada dos portugueses ainda permanece no imaginário coletivo e exerce um importante papel no mercado do Turismo. De acordo com SÁ (2002, p. 109-121), cinco

* Professora da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora. Mestre em Letras/Linguística pela UFJF. Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG.

imagens turísticas seriam preponderantemente relacionadas ao Brasil:

- a *o Brasil do brasileiro*: ao Brasil estaria relacionada a idéia de que o povo brasileiro seria um povo especial, caracterizado por um comportamento hospitaleiro, cordial e livre de preconceitos.
- b *o lugar da libertinagem*: o Brasil seria o lugar da beleza, da sensualidade e, por associação, da libertinagem.
- c *o país do Carnaval*: o Brasil seria reconhecido mundialmente pelo epíteto “o país do Carnaval”. No imaginário internacional, o Brasil seria visto como o país das grandes festas e das grandes manifestações populares.
- d *o lugar do exótico e do místico*: ao Brasil seriam associadas também as idéias de misticismo e religiosidade devido, principalmente, à presença de uma vasta heterogeneidade racial.
- e *o Brasil Paraíso*: imagem fortemente vinculada ao Brasil desde a época do descobrimento. O Brasil, principalmente para o mercado

turístico exterior, é apresentado como uma terra de indubitável grandiosidade e exuberância. Como teremos a oportunidade de observar, a Carta de Pero Vaz de Caminha, que integra a literatura informativa produzida nos primórdios da colonização do Brasil, seria a gênese dessa visão paradisíaca do Brasil que está arraigada tanto ao imaginário nacional como, primordialmente, ao imaginário estrangeiro.

Para que possamos verificar como a Carta do Descobrimento, de Pero Vaz de Caminha, seria a gênese de uma visão paradisíaca em torno do Brasil, faremos uma incursão pelo momento histórico-ideológico em que esse texto foi composto. Produzida durante o período das Grandes Navegações, a Carta do Descobrimento possui um inequívoco valor documental e histórico e se apresenta como um reflexo direto da política expansionista desenvolvida por Portugal, já que ela reflete os interesses que norteavam os portugueses e, de modo geral, os europeus a empreenderem viagens marítimas com o objetivo de propagar a fé cristã e, principalmente, de auferir conquistas territoriais e materiais.

2 A produção da Carta do Descobrimento: um reflexo da política expansionista europeia

Entre os séculos XIV e XVI, a Europa Ocidental se encontrou diante de um conjunto de mudanças que atingiram as camadas urbanas após o período de estagnação que caracterizou a Idade Média. Durante esse período, a Europa assistiu a uma reativação do progresso e vivenciou um intenso processo de descobertas e de invenções. A grande característica desse momento foram as Grandes Navegações, já que as nações buscavam superar os entraves medievais que impediam o desenvolvimento da economia mercantil por meio dos empreendimentos marítimos. Através das Grandes Navegações, o mundo teve a possibilidade de ser interligado pela primeira vez na história.

A partir da expansão ultramarina, a Europa buscava estabelecer novas rotas de comércio e empreender conquistas territoriais e materiais. Seguindo essa política expansionista, Portugal foi o primeiro país europeu a se lançar às Grandes Navegações devido, principalmente, à insuficiência de metais preciosos para a cunhagem de moedas, à falta de produtos agrícolas e de mão-de-obra, ao interesse de expandir a fé cristã e à necessidade de novos mercados. Além disso, Portugal, já no século XV, praticava intensamente a navegação em decorrência de suas atividades pesqueiras, o que teria levado os lusitanos a se dedicarem, desde muito cedo, ao desenvolvimento de estudos náuticos.

Com o renascimento comercial e urbano, a cultura europeia sofreu igualmente alterações. As transformações culturais que representavam os valores da burguesia – classe social em ascensão durante esse período – e que se manifestaram na literatura, nas artes plásticas, na ciência e na filosofia são reconhecidas pelo termo Renascimento Cultural.

O Renascimento Cultural se caracterizou pela recuperação dos valores e modelos da Antigüidade Clássica e pelo advento de uma concepção antropocêntrica do mundo, que, ao considerar o homem como a medida para tudo, se opôs à concepção teocêntrica medievalista.

Ao promover a retomada do pensamento da

Antigüidade Clássica, o Renascimento primou pela valorização da arte pagã, o que pode ser comprovado a partir da constante menção de figuras mitológicas em obras compostas durante esse momento.

O Brasil, como estava ainda passando por um processo de descoberta, não vivenciou diretamente o Renascimento. Na verdade, as manifestações literárias ocorridas no Brasil que correspondem à introdução da cultura europeia em terras brasileiras, durante o século XVI, recebem a denominação de Quinhentismo. Vale ressaltar que, nesse momento, não podemos falar em uma literatura do Brasil – aquela que reflete a visão do homem brasileiro –, mas sim em uma literatura no Brasil, ou seja, uma literatura relacionada ao Brasil, mas que reflete a visão, as ambições e as intenções do homem europeu. Destarte, espelhando diretamente o momento histórico vivenciado pela Península Ibérica, o Quinhentismo compreendeu uma literatura informativa, na qual se insere a Carta do Descobrimento, e uma literatura jesuítica.

A literatura informativa é composta por textos escritos por viajantes europeus que procuravam desvelar para o mundo as particularidades encontradas no Novo Mundo. As crônicas realizadas pelos viajantes eram extensamente lidas e difundidas na Europa, visto que permitiam aos europeus obter informações sobre as novas descobertas territoriais empreendidas. O objetivo principal dos textos informativos era, portanto, fazer um levantamento da “nova terra”, descrevendo minuciosamente para o Velho Mundo sua fauna, sua flora e sua gente, já que foi notável o impacto que a descoberta das Américas causou no imaginário europeu dos séculos XV e XVI. A passagem a seguir expressa o fascínio de Américo Vespúcio diante do Novo Mundo encontrado:

Dias passados bastante amplamente te escrevi da minha volta daqueles novos países, os quais com a armada e com as despesas e mandado deste sereníssimo rei de Portugal procuramos e descobrimos; os quais Novo Mundo chamar é lícito, porque entre os antepassados nossos

de nenhum deles teve conhecimento, e a todos aqueles que isso ouvirem será novíssima coisa, visto que isto a opinião de nossos antepassados excede, uma vez que a maior parte diz que além da linha equinocial para o meio-dia não há continente, só o mar, o qual chamaram Atlântico. (VESPÚCIO trad. de 1984, p. 89)

Além dos textos informativos, houve também no Brasil a produção de textos jesuíticos. Os jesuítas, norteados pelos princípios da Contra-Reforma e pela necessidade de expandir o catolicismo pelos domínios europeus, se dedicaram à catequização dos indígenas e à elaboração de hinos, autos e cartas que prestavam contas a respeito do processo de catequese no Brasil.

3 O valor histórico e documental do texto de Pero Vaz de Caminha

Parte integrante de uma literatura informativa, a Carta do Descobrimento se configura como o primeiro documento de que dispomos acerca do espaço brasileiro e de seus habitantes. Por meio do relato de Pero Vaz de Caminha, os portugueses e, por extensão, os europeus tiveram o primeiro contato com a nova terra encontrada pela frota de Pedro Álvares Cabral. O texto de Caminha assume um papel ainda mais relevante quando o consideramos como sendo o discurso fundador para a construção da própria identidade brasileira, já que a visão que caracterizou pela primeira vez a “nova terra” permanece fortemente arraigada à imagem que o mundo tem acerca do Brasil.

Na expedição comandada por Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha assumia a posição de escritor-escrivão. Caminha não se limitou a registrar e contabilizar os fatos da viagem, já que ele vai além de um registro frio e burocrático dos fatos. Na verdade, ao fornecer dados de natureza quantitativa bastantes precisos, Caminha busca ser preciso e minucioso a fim de representar para a Europa as dimensões da “nova terra”:

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos por chegarem primeiro. (CORTESÃO, 1967, p. 223)

Ali acudiram logo obra de duzentos homens, todos nus, e com arcos e setas nas mãos” (CORTESÃO, 1967, p. 229)

Como documento de valor histórico, a Carta do Descobrimento disponibiliza numerosas informações acerca dos hábitos e dos costumes dos indígenas, permitindo que conheçamos a reação que os portugueses tiveram diante de uma cultura tão diferente. Além disso, o texto produzido por Caminha deve ser considerado historicamente por revelar, também, os valores que norteavam os portugueses em sua busca por novos territórios e pela conseqüente expansão de seu Império. As passagens abaixo nos permitem, respectivamente, ter acesso aos hábitos apresentados pelos índios e corroborar os anseios expansionistas portugueses:

Andam nus, sem cobertura alguma. Não fa-

zem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. (CORTESÃO, 1967, p. 226)

Falava, enquanto o Capitão esteve com ele, perante nós todos, sem nunca ninguém o entender, nem ele a nós quantas coisas lhe demandávamos acerca douro, que nós desejávamos saber se na terra havia. (CORTESÃO, 1967, p. 239)

Embora a Carta do Descobrimento não possa ser considerada uma produção da literatura brasileira – já que o texto de Caminha reflete a visão que os portugueses apresentavam em relação à terra encontrada –, ela evidencia, além de um valor histórico, um valor também literário. Caminha, ao relatar para o rei o que foi encontrado pela esquadra de Cabral, não se restringe a uma descrição fria e meramente burocrática dos fatos (Cf. RONCARI, 1995, p. 24). Em verdade, Caminha atribui a seu texto um caráter eminentemente visual, permitindo que nós, os leitores, tentemos imaginar aquela terra e aqueles homens que são descritos a partir de cores variadas e de formas bastante acentuadas:

Outros [homens] traziam carapuças de penas amarelas; outros, de vermelhas; e outros, de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha que ela tinha tão graciosa, que a tantas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. (CORTESÃO, 1967, p. 232)

Além disso, não podemos nos esquecer de que a temática desenvolvida na carta – os indígenas e a exuberância da natureza brasileira – foi amplamente retomada pela posteridade, o que vem, inclusive, a corroborar o valor literário do texto de Caminha. Outro fator que atribui um valor literário à Carta do Descobrimento seria a interlocução estabelecida por Pero Vaz de Caminha durante seu texto. Seguindo a sua função de escritor-escrivão, Caminha dirige a carta a um leitor bem definido: o rei português D. Manuel. Embora Caminha se porte como um servidor de uma empresa real e assumia um tratamento

respeitoso em relação ao rei, predispondo-se a fornecer-lhe informações bastante precisas sobre a “nova terra”, na maior parte do texto, perdemos de vista o rei, que é o interlocutor declarado. Na verdade, diante da exuberância do novo, Caminha se desprende de seu papel de mero cronista do rei para se dirigir a um leitor mais geral. O que podemos observar, nesse sentido, é o caráter impressionista das descrições de Caminha, já que ele mesmo se deslumbra com o objeto de sua narrativa:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão cerradinhas e tão limpas das

cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos vergonha nenhuma. (CORTE-SÃO, 1967, p. 231)

Caminha, ao produzir a Carta do Descobrimto, foi o responsável por construir a primeira imagem acerca da magnificência brasileira. Doravante, buscaremos comprovar que a visão paradisíaca que se encontra arraigada ao Brasil encontra sua gênese no texto de Caminha. O deslumbramento com o qual os portugueses viram o Brasil pela primeira vez teria permanecido, no decurso do tempo, como uma base para a projeção da nação brasileira e de seu povo para todo o mundo.

4 Caminha e a expressão do contraste de valores entre os “bons selvagens” e os portugueses

Por meio da Carta de Caminha, podemos perceber, de forma bastante clara, os valores éticos e materiais que orientavam o interesse português. Enquanto os portugueses demonstravam um nítido interesse pelo ouro que haveria na nova terra descoberta, os índios encaravam os portugueses simplesmente como homens diferentes com os quais eles almejavam trocar objetos:

Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar. (CORTESÃO, 1967, p. 230)

Uma prática muito comum utilizada pelos europeus era mostrar às populações das novas terras diversos objetos para ver se elas os conheciam. No caso do Brasil, observamos que os portugueses realmente demonstravam um grande interesse na descoberta de ouro, visto que eles, de acordo com o texto de Caminha, mostravam aos índios objetos de ouro para ver se eles poderiam identificar aquele tipo de material:

Porém um deles pôs o olho no colar do Capitão e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. (...) Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha: quase tiveram medo dela; não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados. (CORTESÃO, 1967, p. 227)

De acordo com SANTIAGO (1987), a colonização pela propagação da fé e do Império seria a negação dos valores do outro, ou seja, os europeus, ao buscarem conquistar novos territórios, estariam eminentemente preocupados em ver sua imagem repetida e reafirmada por todo o mundo. A partir dessa perspectiva, podemos observar, na Carta do Descobrimento, um confronto entre a visão europeia e a visão indígena. Durante seu texto, Caminha deixaria transparecer o sistema hierárquico europeu com base nas relações de poder da própria expedição da qual faz parte. Além disso, com o objetivo

de impor a visão de mundo europeia para os indígenas, Caminha se mostra interessado em identificar alguma relação de poder entre os índios. Ele, ao procurar perceber elementos de sua cultura entre os indígenas, chega, inclusive, a acreditar que um dos índios que ele observava exercia alguma relação de poder em relação aos demais. As passagens abaixo confirmam esse notável confronto entre a visão portuguesa e a visão indígena:

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se as tochas. Entraram [os dois indígenas]. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. (CORTESÃO, 1967, p. 227)

Andava aí um que falava muito aos outros que se afastassem, mas não que a mim me parecesse que lhe tinham acatamento ou medo. (CORTESÃO, 1967, p. 235)

Segundo RONCARI (1995, p. 46), Pero Vaz de Caminha, com o objetivo não declarado de “amansar” os indígenas e de empreender seus propósitos colonizadores e expansionistas, assume que os indígenas, por serem seres inocentes, poderiam facilmente incorporar a fé cristã. Caminha chega, inclusive, a exortar o rei a difundir o catolicismo entre os índios:

Segundo a intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. (CORTESÃO, 1967, p. 250)

A Carta do Descobrimento realmente fornece evidências a respeito dos interesses expansionistas de Portugal. Cremos que as considerações acerca do contraste de valores entre os portu-

gueses e os indígenas vêm reafirmar a importância desse texto para a construção da identidade do Brasil. Em sua carta dirigida ao rei português, Pero Vaz de Caminha foi capaz de representar com bastante expressividade as impressões e os interesses que foram despertados a partir do contato com a “nova terra”. Nesse sentido, se quisermos compreender a visão que o Brasil

apresenta para o mundo, não podemos nos furtar à necessidade de considerar o texto de Caminha como sendo o discurso fundador para a própria concepção de nosso país. A seguir, nos deteremos na importância da Carta de Caminha para a construção da imagem paradisíaca que, ao longo do tempo, tem atuado para caracterizar o Brasil no mercado turístico.

5 A Carta de Caminha: a gênese da visão paradisíaca em torno do Brasil

Durante o século XVI, a Igreja teria passado pela maior crise de sua história. A indisciplina e a leviandade de muitos membros do clero haviam gerado um sentimento de descrença e de repulsa entre os fiéis. Além disso, a Igreja Católica se apresentava como um entrave para as atividades da burguesia, já que o comércio, o lucro e a usura eram veementemente condenados. Diante dessas condições, ocorreu o estabelecimento da Reforma Protestante, que foi o movimento responsável por questionar a conduta da Igreja e por levar à formação do protestantismo.

Em decorrência de seu enfraquecimento e da perda de um grande contingente de fiéis e de boa parte de seus bens, a Igreja Católica deu início a um movimento de Contra-Reforma com o objetivo de reagir à expansão das seitas protestantes. Como medidas que visavam à recuperação de seu prestígio e de seu poder, a Igreja tomou um conjunto de medidas, como, por exemplo, reafirmar seus dogmas, depurar a doutrina, proibir a venda de indulgências, fundar seminários para educar os padres católicos e estabelecer a Companhia de Jesus, cujo intuito seria atuar no ensino das elites européias e na catequese dos indígenas das colônias.

Destarte, observamos que o século XVI assistiu tanto à retomada do paganismo da Antiguidade Clássica como à necessidade da Igreja em expandir a fé cristã. Nesse sentido, os interesses da Igreja e das monarquias convergiram, uma vez que a difusão da fé cristã entre os povos das colônias conquistadas era considerada um meio de pacificação. A Carta do Descobrimento se configura, nesse sentido, como um exemplo concreto da necessidade de se expandir a fé cristã como um instrumento para o próprio processo de expansão dos domínios de Portugal.

De acordo com SÁ (2002, p. 80), a literatura composta nessa época estaria fundamentalmente relacionada ao discurso da Igreja, refletindo o dualismo inferno-paraíso. Toda a classificação que a Europa fez em relação a seus novos domínios ter-se-ia realizado a partir dessa perspectiva. A descrição dos povos, das plantas e dos animais encontrados teriam seguido o binômio

inferno-paraíso, contribuindo para construção do imaginário da época.

A visão paradisíaca em relação às novas conquistas européias seria representada por meio de uma descrição exuberante da natureza. Por sua vez, o Novo Mundo seria associado à imagem do inferno com base na descrição de criaturas monstruosas, de cenas de canibalismo e de rituais antropofágicos. BELLUZZO (1996 apud SÁ, 2002, p. 82) afirma que as primeiras imagens da América, que circularam no século XVI, seriam inquietantes e destacariam a presença de hábitos canibais, o que enquadraria o Novo Mundo como o lugar do desconhecido.

Na Carta do Descobrimento, ao apresentar a terra encontrada para o Velho Mundo, Caminha opta por uma descrição edênica e, diante da exuberância com a qual se defronta, ele se propõe a anunciar para toda a Europa a existência de um paraíso terrestre (Cf. RONCARI, 1995, p. 43). A imagem que Pero Vaz de Caminha e, conseqüentemente, todo o mundo teve acerca do Brasil no momento de seu descobrimento teria vindo ao encontro dos objetivos expansionistas europeus e dos interesses da Igreja Católica. Caminha, sendo o escrivão-mor da frota comandada por Pedro Álvares Cabral, precisava justificar para o rei e para Portugal, de modo geral, a empresa marítima da qual ele fazia parte. Ao descobrir um lugar marcado com uma natureza exuberante e habitado por seres considerados dóceis e pacíficos, o discurso de Caminha estaria lançando as bases para a exploração portuguesa e, paralelamente, para a concretização do anseio da Igreja Católica de propagar pelos novos domínios territoriais a fé cristã.

A opção por descrever o Brasil a partir da metáfora do paraíso teria, portanto, trazido para Portugal uma possibilidade real de expandir sua fé e seu território. Todos os elementos encontrados no Brasil foram percebidos de acordo com as necessidades vivenciadas por Portugal naquela época, refletindo apenas o que os portugueses realmente pretendiam enxergar. Um exemplo bastante concreto seria a própria descrição que Caminha faz dos indígenas: os portugueses,

ao travarem contatos com os índios, não valorizam, por exemplo, a sua cultura, a sua visão de mundo e as suas possíveis crenças. Na verdade, Caminha procura descrever o elemento indígena como um elemento tão exótico como a própria natureza encontrada, buscando afirmar, durante todo o texto, sua índole pacífica e sua propensão para adotar a fé católica.

Os índios são caracterizados como “bons-selvagens”, ou seja, como seres inocentes, puros e livres do pecado original, o que atende perfeitamente à visão do paraíso que é defendida pelos preceitos do Catolicismo. Além disso, Caminha procura reafirmar que a inocência dos indígenas seria uma comprovação de que, na nova terra, a harmonia entre o homem e o mundo ainda não teria sido perdida:

Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso tem tanta inocência como em mostrar o rosto. (CORTESÃO, 1967, p. 226)

Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a Adão não seria maior. (CORTESÃO, 1967, p. 255)

Com o intuito de associar à terra encontrada uma visão paradisíaca, Caminha atribui aos índios um comportamento alegre e festivo. Diante dos portugueses, os índios se comportariam de maneira totalmente pacífica, mostrando-se predispostos a manter uma relação mais estreita. Novamente, o discurso da Carta do Descobrimento seria a gênese da imagem que, ainda hoje, caracteriza o Brasil perante o mundo. A imagem turística de um Brasil alegre, cujo povo é cordial e hospitaleiro, remontaria, portanto, ao discurso fundador da carta de Pero Vaz de Caminha. Nos termos da Carta do

Descobrimento, temos o seguinte:

Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita. (CORTESÃO, 1967, p. 240)

A natureza também assume um papel preponderante para a construção do Brasil-Paraíso. Caminha, ao descrever a “nova terra” para o rei, identifica a existência de um paraíso terrestre com base na exuberância da fauna e da flora e no aspecto fértil e exuberante da terra encontrada. Os portugueses se mostram surpresos diante de cada elemento natural que conseguem identificar. Desse modo, os camarões encontrados no Brasil são considerados os maiores, a terra é encarada como extremamente fértil e as águas são vistas como muito abundantes:

Enquanto aí estávamos, foram alguns buscar marisco e apenas acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um tão grande e tão grosso, como em nenhum tempo vi tamanho. (CORTESÃO, p. 236)

E que lhes davam de comer daquela viança, que eles tinham, a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem. (CORTESÃO, 1967, p. 245)

Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. (...) Águas são muitas; infinitas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. (CORTESÃO, 1967, p. 256)

6 Conclusão

Embora a relação entre o mercado do Turismo e o discurso literário não tenha sido ainda muito estudada, acreditamos que a literatura, sendo um processo de construção ideológica e cultural, pode fornecer subsídios para que possamos discutir e analisar as imagens que vêm sendo atribuídas aos espaços turísticos no decurso do tempo.

Ao determo-nos na Carta do Descobrimento, temos a oportunidade de confirmar que a imagem que mais fortemente é relacionada ao Brasil no exterior seria a mesma que caracterizou o Brasil em seus primórdios. O discurso que caracteriza, para o mundo, o Brasil de hoje seria, indubitavelmente, o discurso empreendido por Caminha no século XVI.

Desconsiderar a literatura para uma compreensão sócio-histórica do Brasil seria, a nosso ver, um grande equívoco. A utilização da Carta do Descobrimento para discutirmos a imagem do Brasil no Turismo nos leva a crer que a literatura, assim como a história e a sociologia, deve ser considerada como um importante e interessante instrumento que devemos utilizar quando pretendemos ter acesso ao processo de construção de nossa imagem e de nossa identidade perante todo o mundo. Destarte, o Brasil continua a ser tratado como a terra em que “se querendo aproveitar, nela dar-se-á tudo” (CORTE-SÃO, 1967, p. 256), isto é, o Brasil de Caminha e dos portugueses do século XVI permanece ainda fortemente arraigado à imagem paradisíaca que o próprio país tem de si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLUZZO, A. M.. A propósito d'O Brasil dos viajantes. In: BRASIL DOS VIAJANTES. Revista da USP. São Paulo: USP, jun./jul./ago., 1996, n. 30.

CORTESÃO, 1967, J. Carta de Pero Vaz de Caminha. Lisboa: Portugalia Editora, 1967

LEPECKI, M. L. O romance português contemporâneo na busca da história e da historicidade. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1984.

RONCARI, L. Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SÁ, R. B. V. de. A imagem do Brasil no Turismo: construção, desafios e vantagem competitiva. São Paulo: Aleph, 2002.

SANTIAGO, S. Nas malhas das letras. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VESPÚCIO, A. Novo Mundo. Trad. de Luiz Renato Martins. Porto Alegre: L&P Editora, 1984.

WHITE, H. Fictions of Factual Representations. In: LEPECKI, Maria Lúcia. O romance português contemporâneo na busca da história e da historicidade. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1984.